

GEORGES SIMENON

# Pietr, o letão

Tradução  
*André Telles*



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 1931 by Georges Simenon Limited  
GEORGES SIMENON ® Simenon.tm  
MAIGRET ® Georges Simenon Limited  
Todos os direitos reservados.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original  
*Pietr le Letton*

Capa  
*Alceu Chiesorin Nunes*

Foto de capa  
*Harry Gruyaert/ Magnum Photos/ Latinstock*

Preparação  
*Leny Cordeiro*

Revisão  
*Huendel Viana*  
*Renata Lopes Del Nero*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Simenon, Georges, 1903-1989.  
Pietr, o letão / Georges Simenon ; tradução André Telles –  
1ª ed. – São Paulo : Companhia das Letras, 2014.

Título original: Pietr le Letton.  
ISBN 978-85-359-2414-5

1. Ficção policial e de mistério (Literatura francesa) 2.  
Romance francês I. Título.

---

14-02494

CDD-843.0872

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção policial e de mistério : Literatura francesa  
843.0872

[2014]  
Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA SCHWARCZ S.A.  
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32  
04532-002 – São Paulo – SP  
Telefone: (11) 3707-3500  
Fax: (11) 3707-3501  
[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)  
[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

## Sumário

1. Idade presumida 32, altura 1,69... 7
2. O amigo dos bilionários 16
3. A mecha de cabelo 25
4. O imediato do *Seeteufel* 34
5. O russo alcoólatra 42
6. A pensão Roi de Sicile 51
7. Terceiro entreato 59
8. Maigret não se dobra 67
9. O matador de aluguel 77
10. O retorno de Oswald Oppenheim 86
11. Dia de reviravoltas 94
12. A judia do revólver 103
13. Os dois Pietr 111
14. A irmandade Ugala 118
15. Dois telegramas 129
16. O homem sobre o rochedo 138
17. A garrafa de rum 146
18. O lar de Hans 154
19. O ferido 162

## 1. Idade presumida 32, altura 1,69...

*Interpol à Sûreté de Paris:*  
*Xvzust Cracovia vimontra m ghks triv psot uv Pietr le Letton*  
*Brême vs tyz btolem.*

O comissário Maigret, da primeira Brigada Móvel, ergueu a cabeça com a impressão de que o ronco da estufa de ferro, instalada no centro de seu gabinete e conectada ao teto por meio de um cano grosso e preto, arrefecia. Empurrou o telegrama, levantou-se pesadamente, calibrou a chave e jogou três pás de carvão no fogo.

A seguir, em pé e de costas para o calor, encheu um cachimbo e arrancou o colarinho postiço, que, apesar de muito baixo, o incomodava.

Consultou o relógio, quatro horas. Seu paletó estava pendurado num cabide pregado atrás da porta.

Avançou lentamente em direção à mesa, releu o telegrama e, à meia-voz, traduziu:

*Interpol à Sûreté Générale de Paris:*

*Polícia Cracóvia assinala passagem e partida para Bremen de Pietr, o letão.*

A Interpol é sediada em Viena, coordenando, de um modo geral, a luta contra o banditismo europeu e, mais especificamente, fazendo a ponte entre as diversas polícias nacionais.

Maigret puxou para si um segundo telegrama, igualmente redigido em *polcod*, linguagem internacional secreta utilizada nos despachos entre todos os centros de inteligência do mundo.

Traduziu intuitivamente:

*Polizei-proesidium de Bremen à Sûreté de Paris:  
Pietr o letão assinalado destino Amsterdam e Bruxelas.*

Um terceiro telegrama, procedente da Nederlandsche Centrale in Zake Internationale Misdadigers, QG da polícia holandesa, anunciava:

*Pietr letão a bordo cabine G.263 vagão 5, às 11 horas da manhã, no Estrela do Norte, destino Paris.*

O último despacho em *polcod* vinha de Bruxelas e dizia:

*Verificada passagem Pietr letão 2 horas Estrela do Norte Bruxelas cabine designada para Amsterdam.*

Na parede, atrás da mesa, estendia-se um imenso mapa, diante do qual Maigret, largo e pesado, se posicionou com as mãos nos bolsos e o cachimbo no canto da boca.

Seu olhar foi do ponto que representava Cracóvia ao ponto que designava o porto de Bremen e, deste, até Amsterdam e Bruxelas.

Voltou a consultar o relógio. Quatro e vinte. O Estrela do Norte avançava a cento e dez por hora entre Saint-Quentin e Compiègne.

Não parou na fronteira. Velocidade constante.

No vagão 5, cabine G.263, Pietr, o letão, decerto se entretinha lendo ou observando a paisagem que desfilava.

Maigret dirigiu-se a uma porta de armário que abria para um cubículo, lavou as mãos numa pia de louça, passou o pente no cabelo volumoso, de um castanho-escuro no qual mal se distinguiam alguns fios brancos ao redor das têmporas, e, sempre atrapalhado na hora de dar o nó, ajeitou como pôde a gravata. Era novembro. Anoitecia. Pela janela, avistou um braço do Sena, a Place Saint-Michel, um barco-lavanderia, tudo contido em uma sombra azul intermitentemente constelada pelos bicos de gás.

Abriu uma gaveta, passou os olhos num despacho do Escritório Internacional de Identificação de Copenhague.

*Sûreté Paris.*

*Pietr o letão 32 169 01512 0224 0255 02732 03116 03233 03243 03325 03415 03522 04115 04144 04147 05221... etc.*

Dessa vez, deu-se ao trabalho de traduzir em voz alta e, até mesmo, como um aluno recitando a lição, repetir:

– Características de Pietr, o letão: idade presumida 32 anos, altura 1,69, seio paranasal retilíneo, base horizontal, saliência extremo limite, particularidade septo não visível, orelha contorno original, grande lóbulo, enviesado limite e dimensão limite mínimo, antítrago saliente, limite dobra inferior convexa, limite forma retilínea, limite particularidade sulcos separados, ortognata superior, face longa bicôncava, sobrançelha fina e de pelos louros claros, lábio inferior proeminente, espessura grande inferior pendente, pescoço esguio,

auréola amarela média, periferia intermediária esverdeada média, cabelos louros claros.

Era esta a descrição de Pietr, o letão, tão eloquente, para o comissário, como uma fotografia. Seu aspecto geral saltava aos olhos: um homem baixo, magro, jovem, cabelos ralos, sobrancelhas louras e finas, olhos esverdeados, pescoço comprido.

Além do mais, Maigret conhecia em detalhe a orelha, o que, no meio da multidão, e mesmo com Pietr, o letão, maquiado, lhe permitia detectá-lo com segurança.

Tirou do cabide o paletó, vestiu-o, acrescentou uma pesada capa preta e enfiou um chapéu-coco na cabeça.

Um último olhar para a estufa, que parecia prestes a explodir.

Ao fim de um longo corredor, no hall que servia de antessala, uma recomendação a Jean:

– Não se esqueça do meu fogo, hein!

Na escada, surpreendido pela corrente de ar, foi obrigado a procurar um refúgio para acender o cachimbo.

Apesar da claraboia monumental, as plataformas da Gare du Nord eram varridas por fortes ventanias. Mais de uma vidraça desabara do teto e se estilhaçara na via férrea. A eletricidade deixava a desejar. As pessoas pareciam espremidas dentro das roupas.

Diante de um guichê, passageiros liam um aviso preocupante: **TEMPESTADE NA MANCHA.**

Com o semblante transtornado e os olhos vermelhos, uma mulher, cujo filho embarcava para Folkestone, fez-lhe recomendações até o último minuto. Constrangido, ele prometeu não botar os pés no convés do barco.

Maigret se mantinha de pé, próximo à plataforma 11, onde

a multidão aguardava o Estrela do Norte. Todos os grandes hotéis, além da Agência Cook, estavam representados.

Ele não se mexia. Havia quem mostrasse irritação. Uma moça embrulhada num visom, as pernas, em contrapartida, em invisíveis meias de seda, andava de um lado para outro, maltratando o chão com seus saltos.

Ele não saía do lugar, enorme, com seus ombros impressionantes desenhando uma sombra larga. Esbarravam nele e ele não tremia mais que uma parede.

A luz amarela do trem apontou ao longe. Vieram então o estrépito, os gritos dos carregadores, o tropel dos passageiros rumo à saída.

Passaram cerca de duzentos, até o olhar de Maigret pinçar no formigueiro um homem baixo trajando sobretudo xadrez verde, cujo corte, assim como a cor, denotava um estilo claramente nórdico.

O homem não tinha pressa. Era seguido por três carregadores. O agente de um hotel de luxo dos Champs-Élysées abria-lhe passagem obsequiosamente.

*Idade presumida 32, altura 1,69... seio paranasal...*

Maigret não se afobou. Concentrou-se na orelha. Foi suficiente.

O homem de verde passou bem perto dele. Um dos carregadores o atingiu com uma de suas malas.

No mesmo instante, um funcionário do trem se pôs a correr, dirigindo algumas palavras apressadas ao colega posicionado no fim da plataforma, próximo à corrente que permitia fechar a passagem.

Essa corrente foi esticada. Ergueram-se protestos.

O homem de sobretudo já estava na saída.

O comissário fumava, dando curtas e precipitadas bafordas. Aproximou-se do funcionário que esticara a corrente.

– Polícia! Do que se trata?



– De um crime... Acabam de descobrir...

– Vagão 5?

– Acho que sim...

A estação seguia sua rotina, à exceção da plataforma 11, onde algo de anormal parecia em curso. Cinquenta passageiros continuavam sem desembarcar. E sua passagem estava bloqueada. Eles se impacientavam.

– Deixe-me passar – disse Maigret.

– Mas...

– Deixe-me passar!

Observou a última leva se escoar. O alto-falante anunciava a partida de um trem de subúrbio. Alguém correu para um lugar qualquer. Diante de um dos vagões do Estrela do Norte, um pequeno grupo aguardava alguma coisa. Três homens, em uniforme da companhia.

Bancando o importante, mas preocupado, o chefe da estação foi o primeiro a chegar. Logo em seguida, uma padiola deslizou pelo saguão e atravessou os grupos de passageiros, acompanhada por olhares contrariados, em especial dos que aguardavam para embarcar.

Maigret ia percorrendo o trem, com seu passo pesado, sem parar de fumar. Vagão 1. Vagão 2... Chegou ao vagão 5.

Um grupo havia se formado diante da portinhola. A padiola chegou. O chefe da estação escutava os três homens, que falavam ao mesmo tempo.

– Polícia! Onde está o homem?

Olhavam para ele com visível alívio. Bastou-lhe mover sua massa plácida no centro do grupo agitado para, num piscar de olhos, os outros se transformarem em simples satélites.

– No lavabo...

Maigret ficou na ponta dos pés e, à sua direita, viu a porta

dos lavabos aberta. No chão, um corpo encolhido, dobrado ao meio, numa estranha contorção.

– Levem o vagão para o trilho lateral... Esperem! O 62... E avisem o comissário especial...

A princípio, viu somente a nuca do homem. Contudo, ao empurrar seu boné atravessado, descobriu a orelha esquerda.

– *Grande lóbulo enviesado no limite e dimensão do antítrogo no limite...*

Havia gotas de sangue no piso impermeável. Olhou à sua volta. Os funcionários se mantinham na plataforma e no estribo. O chefe de estação continuava a falar.

Maigret então virou a cabeça do homem e triturou o cachimbo nos dentes.

Se não tivesse visto o passageiro de sobretudo verde sair, se não o tivesse visto caminhar em direção ao automóvel na companhia de um relações-públicas do Majestic, poderia até duvidar.

Mesmas características. Mesmo bigode louro, aparado à escovinha, sob um nariz afilado. Mesmas sobranceiras claras e finas. Mesmas retinas cinza-esverdeadas.

Em outras palavras, Pietr, o letão!

Maigret não conseguia se mexer naquele lavabo exíguo, onde a torneira, que haviam esquecido de fechar, continuava a correr e um jato de vapor escapava de uma conexão mal vedada.

Suas pernas comprimiam o cadáver. Ergueu o tronco deste último e, no peito, sobre a camisa e o paletó, percebeu vestígios de queimadura provocados por um tiro disparado à queima-roupa.

Formavam uma grande mancha enegrecida, em que se mesclava o púrpura violáceo do sangue.

Um detalhe chamou a atenção do comissário. Ao voltar-se para um dos pés, observou que estava atravessado, retorcido, assim como todo o corpo, que parecia ter sido compactado para que a porta fechasse.

Ora, o sapato era um sapato preto dos mais comuns e baratos. A sola parecia recauchutada. O salto estava comido de um lado e, no meio da palmilha, via-se um furo redondo, lentamente escavado pelo desgaste.

O comissário especial da estação, coberto de medalhas e seguro de si, chegou e, da plataforma, indagou:

– O que é dessa vez? Um crime? Um suicídio? Não toquem em nada enquanto o Ministério Público não chegar, hein! Atenção! Sou o responsável!

Maigret teve toda a dificuldade do mundo para sair daquele lavabo, onde se via emparedado entre as pernas do morto. Com uma manobra rápida e profissional, apalpou os bolsos e certificou-se de que estavam vazios, absolutamente vazios.

Desceu do vagão, com o cachimbo apagado, o chapéu descaído e uma mancha de sangue no punho da camisa.

– Ora vejam! É o Maigret... O que acha disso?

– Nada! Vá até lá...

– Suicídio, certo?

– Se preferir... Telefonou para o Ministério Público?

– Assim que fui avisado...

Uma voz tonitruava no alto-falante. Alguns, notando algo de anormal, observavam de longe o trem vazio e o grupo estacionado junto ao estribo do vagão 5.

Deixando todo mundo ali plantado, Maigret saiu da estação e chamou um táxi.

– Para o Majestic!

A ventania redobrava de intensidade. As ruas eram varridas por turbilhões que metamorfoseavam os pedestres em si-

lhuetas bêbadas. Uma telha caiu, em algum lugar, na calçada. Os ônibus infernizavam.

Os Champs-Élysées haviam se transformado num descampado deserto. Começou a pingar. O porteiro do Majestic precipitou-se para o táxi com um imenso guarda-chuva vermelho.

– Polícia! Um hóspede acaba de chegar pelo Estrela do Norte?

O porteiro fechou o guarda-chuva na mesma hora.

– De fato, chegou um desse trem!

– Sobretudo verde... Bigode louro...

– Exatamente, verifique na recepção...

Algumas pessoas corriam para fugir do aguaceiro. Maigret entrou no hotel bem a tempo de evitar pingos do tamanho de nozes e frios feito gelo. Atrás do balcão de mogno, funcionários e relações-públicas nem por isso se mostravam menos elegantes ou corretos.

– Polícia... um hóspede de sobretudo verde... Bigodinho louro...

– No 17... Estamos subindo suas malas...